



Papéis de professor e de aluno em fóruns *online* de língua portuguesa

Fabiana Poças Biondo

Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Cidade Universitária, s/n, 79070-900, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: fabibiondo@gmail.com

RESUMO. O artigo discute alguns resultados de uma pesquisa sobre a construção colaborativa de conhecimentos nos fóruns *online* de uma disciplina de Morfologia da língua portuguesa, tendo em vista a questão específica dos papéis sociointeracionais assumidos pela professora e pelos alunos nas interações nos fóruns e discutindo a hipótese de desestabilização dos papéis tidos como próprios a um e a outro em situações educacionais. A partir da Linguística Aplicada, o faz em perspectiva interpretativista e de modo interdisciplinar, mobilizando aportes teóricos sobre fórum *online* (Montero, Watts, & Garcia-Carbonell, 2007; Cassany, 2012; Cunha, 2012), sobre o fórum como prática social (Biondo, 2015), sobre aprendizagem colaborativa *online* (Harasim, 2012), entre outros. Os resultados mostram que tanto a professora quanto os alunos assumem diversos papéis nas interações nos fóruns, por vezes de modo a manter os papéis tradicionalmente estabelecidos a cada um, por vezes de modo a desestabilizar esses papéis. Embora haja deslocamento de poderes em andamento nessa prática de construção de conhecimentos mediada pela Internet, mostra-se também muito presente a dificuldade de agência dos sujeitos no sentido de romper com estruturas sociais estabelecidas.

Palavras-chave: interação; aprendizagem digital; morfologia; práticas; desestabilização; manutenção.

Teacher's and student's roles in online forums of the portuguese language

ABSTRACT. Results of a research on the collaborative construction of knowledge in online forums of the discipline Morphology of Portuguese are discussed. The specific issue on social-interactional roles by the teacher and students is taken into account within the interactions of forums, whilst the hypothesis of destabilizing of roles proper to each within educational situations is discussed. Starting from Applied Linguistics, the above is done within the interpretative perspective and in an interdisciplinary way through the theoretical bases on online forum (Montero, Watts, & Garcia-Carbonell, 2007; Cassany, 2012; Cunha, 2012), on forum as a social practice (Biondo, 2015), on online collaborative learning (Harasim, 2012) and others. Results reveal that teacher and students have different roles within the interactivities established by the forums, sometimes to maintain traditional established roles, sometimes to destabilize these roles. Although there is a constant displacement of power within the practice of knowledge construction mediated by the Internet, difficulties within the subjects' agency are revealed especially to disrupt established social structures.

Keywords: interaction; digital learning; morphology; practices; disruption; maintenance.

Introdução

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa sobre a construção colaborativa de conhecimentos entre professora e aluno(s) e entre alunos nos fóruns *online* de uma disciplina de Morfologia da língua portuguesa, na Licenciatura em Letras de uma universidade pública do Centro-Oeste¹. A questão específica a ser discutida é a dos papéis sociointeracionais assumidos pela professora e pelos alunos nas interações nos fóruns, em sua relação

com práticas educacionais tradicionalmente estabelecidas e práticas de interação em ambientes colaborativos da Internet.

Partimos, de um lado, do fato de que tem aumentado a cada dia o uso das tecnologias da Internet em contextos de ensino e aprendizagem, em instituições de ensino públicas e privadas de nosso país, e de que tais tecnologias têm oferecido novas oportunidades de comunicação e de aprendizagem, sobretudo pelo caráter colaborativo da arquitetura da web 2.0; de outro lado, orienta-nos a verificação da ineficiência dessas tecnologias, em situações educacionais específicas, quando da não compreensão e do não aproveitamento de suas potencialidades pelos envolvidos. Conforme

¹ Tese de doutorado 'O fórum *online* como prática colaborativa de construção de conhecimentos sobre Morfologia da língua', defendida em 2015 pela autora deste artigo no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Harasim (2012), os professores e as instituições de ensino estão ainda despreparados para trabalhar com os jovens da 'Era digital', resistindo a adotar perspectivas colaborativas de aprendizagem e pautando-se em atividades expositivas, em modelos individuais de aprendizagem. Logo, os jovens encontram nas escolas ou universidades cenários bastante diversos de suas práticas interacionais cotidianas.

Quando se trata de fóruns de discussão, comumente inseridos em plataformas de ensino e aprendizagem *online*, sua estruturação inerentemente hipertextual, sua propriedade assíncrona – em geral vantajosa para o aprofundamento de discussões teóricas –, além da possibilidade de direcionar mensagens a múltiplos destinatários e da flexibilização do tempo e do espaço de participação, entre outras características, garantiram que já há algum tempo eles tenham ganhado espaço nas universidades, principalmente em cursos oferecidos na modalidade a distância ou semipresencial. Mas, assim como ocorre com outras tecnologias, não há garantias de que suas propriedades sejam exploradas em todo seu potencial em situações educacionais, muito menos que as práticas nele desenvolvidas rompam com práticas de ensino e aprendizagem tradicionalmente estabelecidas em nossa sociedade.

Nos quatro fóruns de discussão que são objeto deste estudo, observamos que as interações se davam de modo bastante instável, a depender da forma como a professora do curso e os alunos neles se envolviam, apontando para um processo colaborativo de construção de conhecimentos suscetível aos modelos sociointeracionais tacitamente estabelecidos e instanciados nesse processo. Dessa forma, tomamos esses fóruns como uma 'prática colaborativa de construção de conhecimentos sobre Morfologia da Língua Portuguesa' (Biondo, 2015) e propomo-nos, neste trabalho, a investigar os papéis sociointeracionais de professor e de aluno exercidos pelos envolvidos nessa prática, de modo a discutir a hipótese de desestabilização das fronteiras que distinguem os papéis tidos como próprios a um e a outro, em práticas educacionais mediadas pela Internet.

O fórum *online* enquanto objeto sociotécnico e objeto de aprendizagem

Criado em meados dos anos 80 (Montero et al., 2007), o fórum de discussões *online* tem sido bastante presente em atividades de ensino e aprendizagem formais e pode ser definido, basicamente, como uma web usada para leitura e escrita de comentários sobre determinados assuntos.

Tecnicamente, é uma ferramenta parecida com o e-mail, exceto pela interface de visualização compartilhada e pela sua inserção em sites coletivos ou com público pré-determinado – como no caso das plataformas digitais de aprendizagem. É estruturado de forma a organizar mensagens por data, hora, (sub)tema, autor e tipo de resposta e, além disso, apresenta recursos como serviço de busca, estatísticas de visitas e de postagens e inserção de figuras e anexos, entre outros (Cassany, 2012).

Em plataformas como o *moodle*, o fórum se apresenta por meio de subníveis de discussão temática cujo objetivo é aprofundar o estudo de um conteúdo mais geral. Cada subnível é criado pela produção de uma mensagem inicial, que busca instigar o debate e aparece na forma de um hiperlink, somando-se aos demais subníveis e formando uma lista de hiperlinks que ficam disponíveis aos usuários. Estes, por sua vez, podem clicar nos hiperlinks para ler e fazer novos comentários ou podem criar novos hiperlinks, provocando novos debates. A leitura e a escrita não são, portanto, lineares, já que é possível escolher participar de várias formas, em diferentes momentos e a partir de pontos diferentes da discussão, o que remete à natureza hipertextual e assíncrona dos fóruns *online*.

Embora discussões possam também se estabelecer de modo síncrono em fóruns, desde que dois participantes estejam *online* e conversando em tempo real, é a assincronicidade que permite aos participantes refletirem sobre as contribuições dos demais e sobre suas próprias contribuições, planejando-as antes de apresentá-las. Para Mantovani, Viana, & Gouvêa (2010), isso justifica o fato de o fórum ser muito utilizado para o aprofundamento de discussões em torno de um determinado assunto, que pode ser tomado de forma mais robusta e menos genérica do que usualmente ocorre em chats, por exemplo.

O caráter assíncrono da comunicação em fórum *online* atende a não obrigatoriedade da presença de mais de um participante simultaneamente, porém, a expectativa que subjaz às postagens é de que ocorram novas postagens que possam (re)discutir e contribuir com o que foi apresentado, gerando quadros de diálogo diversos, em momentos variados. É bastante notório, portanto, o papel do outro na construção de conhecimentos, pois “[...] a presença do outro é assinalada mesmo diante da ausência visual [...]”, como lembraram Mantovani et al., (2010, p. 188), o que faz com que comumente sejam apresentados comentários do tipo ‘aguardo resposta’ ou ‘aguardo comentários’ nesses ambientes.

O papel que o 'outro' ocupa nesses processos nos remete a perspectivas educacionais sociointeracionistas inauguradas pelas ideias de Vigotski (2007; 2008) e, mais recentemente, associadas à invenção dos computadores e da Internet. A *online collaborative learning* (doravante OCL), por exemplo, configura-se como uma abordagem que procura superar os modelos educacionais baseados em capacidades individuais, na direção de uma compreensão do caráter coautoral dos processos de construir conhecimentos, orientados pelas conversas colaborativas mediadas pela Internet (Harasim, 2012).

Ao enfatizar o papel do diálogo na aprendizagem em ambiente *online*, a OCL acaba por destacar também a importância de que professor e alunos atuem conjuntamente em contextos educacionais *online*, utilizando a linguagem/o diálogo para que questões possam ser mais bem compreendidas. E, como mostra Harasim (2012), em fóruns de discussão *online* esse diálogo pode encontrar um bom espaço para se desenvolver, fazendo avançar a produção do conhecimento por meio de (des)acordos entre opiniões e ideias de diversos participantes.

Para a autora, o papel do professor é fundamental nesse processo, pois ele deve atuar não apenas como um facilitador do debate, mas também como um mediador entre os alunos e a comunidade maior de conhecimento que ele representa, assim como deve conduzir os alunos nos debates interpessoais e em seus interesses de pesquisa. Além disso, o professor precisa incentivar os estudantes para que eles dialoguem uns com os outros, apresentando atividades orientadas a partir do conteúdo a ser estudado. Os alunos, por sua vez, devem discutir, disputar opiniões, inovar, inventar, mobilizar conceitos para resolver questões, e não apenas ouvir, assimilar e replicar o que lhes foi transmitido (Harasim, 2012).

Observa-se, desse modo, a proposição de um movimento de flexibilização dos papéis tradicionalmente exercidos por professor e aluno em situação de ensino e aprendizagem *online*, para além da estrutura interativa triádica IRA tacitamente estabelecida – Iniciação pelo professor, Resposta do aluno e Avaliação pelo professor (Cazden & Beck, 2003). A descentralização se dá no sentido de uma descentralização da figura do professor e de uma maior autonomia dos alunos em sua própria aprendizagem e nas de seus colegas, por meio de diálogo colaborativo.

O fórum *online* enquanto espaço de flexibilização de papéis sociointeracionais

A apresentação de mensagens por professor ou alunos no fórum de um curso não garante que eles

estejam interagindo, já que as mensagens podem não ter relação umas com as outras e se revelarem como simples resumo individual de ideias depositado nesse ambiente – em vez de entregue diretamente ao professor, como se costuma fazer com as avaliações individuais em sala de aula (Biondo, 2015). Para que ocorra a interação, o diálogo colaborativo de construção de conhecimentos apontado por Harasim (2012), portanto, tanto professor quanto aluno devem utilizar o fórum de modo a promover a dinâmica da colaboração, aproveitando as *affordances*² dessa tecnologia e interagindo com os demais ao retomar suas mensagens e complementá-las, questioná-las, exemplificá-las etc.

Comumente, tem sido atribuída ao professor a responsabilidade pela promoção dessa dinâmica de participação em fóruns educacionais, pois é ele quem costuma definir como determinado fórum será configurado, organizar as formas de participação, selecionar textos de base e definir questões de ensino e aprendizagem. De fato, é o professor quem costuma ter autonomia para, por exemplo: a) escolher entre diferentes tipos de fórum (com tema ou resposta única ou múltipla, por exemplo); b) determinar critérios tais como se o fórum será público ou privado, quando se inicia e quando deverá terminar, entre outros; c) organizar grupos de participação; d) definir privilégios de usuário, como quem pode inserir anexos, de que tamanho, enviar mensagens fora do prazo; e) decidir pela obrigatoriedade ou não de inscrição de cada sujeito; f) optar por tipos de avaliações (Cassany, 2012).

Também a forma como o professor se engaja nas discussões em um fórum tem sido apontada como fundamental para o sucesso da interação. Conforme Oliveira e Lucena Filho (2006), é importante que o professor se desloque do papel que normalmente assume em uma sala de aula presencial, dando mais voz aos alunos e dividindo o domínio das discussões. Por outro lado, não parece produtivo, segundo os autores, que ele se distancie completamente do debate, silenciando-se em excesso na expectativa de que isso garanta a autonomia dos alunos em sua aprendizagem e na de seus colegas.

Cunha (2012) também salientou o papel do professor como essencial ao sucesso da interação em fóruns *online* educacionais, sugerindo a importância de que ele: a) incentive a produção de perguntas e respostas entre os colegas; b) interaja de modo positivo e pessoal; c) resuma pontos da discussão,

² Usamos *affordance* em referência às possibilidades e às limitações de um tipo de representação semiótica, determinadas por meios materiais e sociais (Kress & Van Leeuwen, 1996; Kress, 2010).

mantendo-a nos limites da temática; d) estabeleça distinções entre postagens direcionadas a indivíduos e ao grupo todo; e) mostre as relações entre postagens distintas. Sánchez (2005), por sua vez, acredita que cabe ao professor os papéis de: a) redirecionar a discussão quando ela se desvia da perspectiva em foco; b) cuidar para que sejam garantidas a cortesia e a educação entre os participantes; c) regular as participações; d) direcionar mensagens em função do cumprimento de determinados objetivos; e) definir regras e papéis para os participantes.

Como nos fóruns *online* há mais espaço para que o professor ‘ceda o palco’ para o aluno do que na sala de aula, tendo em vista as propriedades sociotécnicas desse objeto (Paiva & Rodrigues Junior, 2004), acreditamos que também os alunos podem exercer os papéis acima apresentados, no sentido de uma desestabilização nos papéis sociointeracionais tradicionalmente assumidos em situação de ensino e aprendizagem. De fato, muitos estudos têm enfatizado a importância de que alunos assumam um papel mais ativo em fóruns educacionais, atuando como mediadores na construção do conhecimento (Moran, 2000; Paiva & Rodrigues Junior, 2004; Cunha, 2012 etc.).

Embora a criação da Internet e sua expansão nos últimos anos tenham potencializado a flexibilização de papéis, a participação mais ativa do aluno em sua aprendizagem e na de seus pares tem sido destacada na literatura para situações de aprendizagem mediadas ou não por tecnologia digital. É o que mostra Moran (2000, p. 141) ao afirmar que

[...] o aluno, num processo de aprendizagem, assume papel de aprendiz ativo e participante (não mais passivo e repetidor), de sujeito de ações que o levam a aprender e a mudar seu comportamento [...].

E que o professor, por sua vez, desloca-se de seu protagonismo e de seu lugar de detentor exclusivo dos saberes para atuar como

[...] seletor e gestor dos recursos disponíveis, tutor e consultor no esclarecimento de dúvidas, orientador e guia na realização de projetos, e mediador de debates e discussões (Moran, 2000, p. 141).

Ao se referirem à aprendizagem em fórum *online*, especificamente, Ingram e Hathorn (2004) também chamaram a atenção para a necessidade de que alunos tomem mais para si a responsabilidade de aprender, bem como atuem mais de modo conjunto com seus colegas como mediadores em processos de aprendizagem. Definem, assim, duas características fundamentais para o desenvolvimento de

aprendizagens colaborativas em fórum: a ‘independência’ dos alunos em relação à figura do professor e a ‘interdependência’ entre colegas no compartilhamento de ideias, informações, dúvidas e sugestões.

A corresponsabilização de professor e aluno na aprendizagem em fóruns *online* pode ocorrer pela participação efetiva de um e de outro nas discussões temáticas, bem como pela mediação dos processos de construção de conhecimentos, a propósito de perspectivas educacionais sociointeracionistas e do papel do outro como mediador da aprendizagem. É o que se podia entrever já nas teorias de Vigotski (2007), que mencionou o papel de ‘assistente’ ou ‘orientador’ do professor na resolução de problemas de aprendizagem, bem como a importância da ‘cooperação’ entre colegas, da ‘colaboração com outras crianças’ (Vigotski, 2007) em processos de aprendizagem.

Não obstante a apresentação, na literatura, de determinados papéis a serem assumidos por professor e alunos em processos educacionais *online* ou off-line, acreditamos que cada fórum de discussões precisa ser tomado em sua singularidade, a partir dos elementos situacionais que o instituem como prática (Biondo, 2015). Isso implica considerar as relações entre os sujeitos e os instrumentos materiais que constituem um fórum, levando em conta as estruturas simbólicas de conhecimento que são compartilhadas por esses sujeitos e o que elas instanciam de referências implícitas, tacitamente estabelecidas nas ações aparentemente individuais.

Com base nessas questões, buscamos compreender os papéis sociointeracionais apresentados nos fóruns analisados neste estudo a partir das relações que eles estabelecem com as práticas inerentes aos sujeitos e ao contexto específico em que estão inseridos. Antes, porém, dedicamo-nos a apresentar com mais detalhes esse contexto, situando os dados e os sujeitos da pesquisa.

Contextualização da pesquisa

Inserido no campo aplicado dos estudos da linguagem, este estudo filia-se a um paradigma situacional e interpretativista de pesquisa, que caracteriza os processos investigativos desse campo, voltados à apreensão e à compreensão de ações situadas e de sua relação com o ponto de vista dos sujeitos dessas ações e com as circunstâncias em que estão envoltas (Erickson, 1988). O caráter situado dessa abordagem justifica a preocupação com o conteúdo interpretativo das ações, bem mais do que com procedimentos previamente definidos de pesquisa ou com pressupostos teóricos bem

estabelecidos. Abre-se espaço, portanto, para uma lógica sustentada em ‘multiplicidades’, em ‘rupturas’ e no ‘movimento’, de modo a estabelecer estruturas epistemológicas provisórias e particulares, abertas ao complexo que define os objetos de pesquisa (Signorini, 1998).

A partir dessa perspectiva, a pesquisa que informa este estudo foi realizada em uma universidade pública da região Centro-Oeste do país, nos cursos de Licenciatura em Letras presenciais – o de habilitação em Português/Inglês e o de habilitação em Português/Espanhol. Esses cursos têm mais de 28 anos, integram Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) e, embora sejam tradicionalmente configurados na modalidade presencial, atendendo a uma Portaria do Ministério da Educação (Brasil, 2004), em 2010 passaram a incluir em seu projeto pedagógico a possibilidade de oferta de 20% da carga horária na modalidade a distância, distribuída em todas ou em algumas das disciplinas.

Foi a partir dessa possibilidade que a professora responsável pela disciplina Língua Portuguesa II configurou-a de modo semipresencial, trabalhando com uma parte de sua carga-horária (17 horas, 33% do total de 51 horas) a partir da plataforma *moodle*, já utilizada na universidade para os cursos da modalidade a distância. Obrigatória na grade curricular dos Cursos, essa disciplina é normalmente oferecida no segundo semestre e seus conteúdos programáticos se desenvolvem em torno de questões sobre morfologia da língua e análise linguística, esta última tomada sobretudo no nível morfológico.

Os dados foram gerados pela professora-pesquisadora, em uma pesquisa-ação, no segundo semestre do ano de 2011 (01 de agosto a 09 de dezembro) e no segundo semestre letivo de 2012 (22 de outubro a 16 de março de 2013)³, quando ministrou Língua Portuguesa II de modo semipresencial. Durante o oferecimento da disciplina, a professora realizou anotações sobre sua rotina de sala de aula, gravou cerca de 38 horas de aulas presenciais, coletou artefatos tais como atividades escritas produzidas pelos alunos, planos de ensino, planejamentos de aulas, livros e cópias de materiais teóricos e didáticos, entre outros. Além disso, coletou registros abrigados pela plataforma *moodle*, como mensagens postadas em fóruns, e aplicou questionários aos alunos, com o objetivo de identificar seu perfil e relacionamento com as tecnologias da Internet.

Das atividades propostas, em sala de aula e na plataforma *moodle*, interessam-nos particularmente neste trabalho os quatro fóruns *online* trabalhados

como parte do componente a distância. Desses quatro fóruns, dois foram tomados como parte das atividades avaliativas da disciplina (um de 2011 e um de 2012) e os outros dois não, sendo nomeados de fóruns ‘livres’ (um de 2011 e um de 2012). A professora os criou propondo atividades específicas a cada um dos quatro e estabelecendo a participação de todos os alunos das duas turmas (turma do 2º semestre de Português/Espanhol e turma do 2º semestre de Português/Inglês) neles. Os avaliativos versaram, mais especificamente, sobre conteúdos de análise linguística em nível morfológico; já os fóruns livres tinham temática mais aberta a todos os conteúdos constantes da disciplina.

Todos os participantes podiam iniciar novos subníveis de discussão temática, dando origem a hiperlinks que foram se organizando, na interface da ferramenta, na forma de lista. Por seu caráter hipertextual, qualquer um dos subníveis/hiperlinks podia ser acionado, lido e comentado a qualquer momento do semestre letivo, quando os fóruns ficaram abertos à participação. Também a qualquer momento novos hiperlinks podiam ser criados, pela professora ou por alunos. Somadas as postagens feitas em todos os fóruns, pela professora e pelos 74 alunos que deles participaram, 538 mensagens formam o *corpus* do estudo.

À época da pesquisa, a professora ministrava aulas de Língua Portuguesa no Ensino Superior há cerca de seis anos, sempre na modalidade presencial, mas já tinha experiência com o *moodle* como aluna. Faziam parte de suas práticas, ainda, interações em fóruns da Internet. Já os alunos, em sua grande maioria, nunca haviam utilizado o *moodle* nem tido experiências de aprendizagem virtual. Quase todos, porém, afirmaram em um questionário sobre seu perfil e relacionamento com a Internet que usavam e gostavam muito de Internet, dedicando boa parte de seu dia à interação em ambientes virtuais (redes sociais, bate-papo, fóruns de discussões etc.).

Com o propósito de dar visibilidade a alguns dos resultados da pesquisa, tendo em vista a questão específica dos papéis sociointeracionais assumidos pela professora e pelos alunos nas interações ocorridas nos fóruns, trazemos para discussão alguns exemplos representativos do movimento de (des)estabilização de papéis que configura essas interações.

Papéis sociointeracionais assumidos pela professora e pelos alunos nos fóruns *online*

De modo geral, o contexto em que estão inseridos os participantes desse estudo tem regras e papéis sociointeracionais bem definidos, a exemplo de funções tipicamente estabelecidas em situações de

³ Calendário letivo especial devido à greve.

ensino e aprendizagem. Nos quatro fóruns, no entanto, os papéis assumidos pela professora e pelos alunos revelam tanto a manutenção quanto um movimento de rompimento com essas regras e papéis, aparentemente informado por práticas de interação em ambientes colaborativos da Internet.

Com relação à manutenção de papéis, é exemplar o modo como a estrutura IRA organiza de forma ampla a situação, pois é a professora quem inicia as atividades, assumindo os papéis de: a) 'definir as configurações' dos fóruns, estabelecendo regras de participação; b) 'determinar seu caráter avaliativo/não avaliativo'; c) 'fixar privilégios de usuários'; d) 'estabelecer as temáticas de discussão'.

Além disso, e a propósito de situações típicas de sala de aula, foi a professora quem assumiu o papel de 'propor as atividades' a serem realizadas em cada um dos quatro fóruns, por vezes de modo bastante controlado, instanciando modelos escolares tradicionais. É o que ilustra o exemplo 1 (Figura 1), no qual se observa um distanciamento da professora em relação aos alunos, indicado sobretudo no uso da voz passiva e da 3ª. pessoa do singular ('serão disponibilizados pela professora da disciplina'):

UNIDADE 1 - TAREFA DE APRENDIZAGEM 2 T1 – Leia os dois artigos abaixo, que serão disponibilizados pela professora responsável pela disciplina: a) MENDONÇA, M. Análise Linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C. & MENDONÇA, M. (orgs.). Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. pp. 198-226. b) SILVA, L. H. O.; BARBOSA, E. P. S.; SILVA, E. T. Análise linguística no Ensino Fundamental: professores e alunos como sujeitos da aprendizagem. In: SILVA, W. R.; MELO, L. C. Pesquisa e ensino de língua materna e literatura: diálogos entre formador e professor. Campinas, SP: Mercado de Letras; Araguaína, TO: Universidade Federal do Tocantins – UFT, 2009. PP. 125-148. A partir da leitura desses artigos, poste suas dúvidas e/ou reflexões sobre o que significa realizar atividades de "análise linguística" no ensino de conteúdos gramaticais, neste fórum.

Figura 1. Atividade de aprendizagem do fórum avaliativo de 2011.

Fonte: Biondo (2015, p. 74).

Como nesse exemplo, em geral é o professor quem assume o papel de 'indicar materiais', 'ordenar a leitura' ('leia', no imperativo verbal) e 'apresentar perguntas' a respeito ('o que significa realizar atividades de "análise linguística" no ensino de conteúdos gramaticais'), na expectativa de que o aluno cumpra com o seu papel de 'apresentar respostas' ('poste suas dúvidas e/ou reflexões'), a fim de ser avaliado (fórum avaliativo). A tríade IRA está, portanto, mantida aqui, e não é aberto espaço para que se desenvolvam a 'independência' em relação ao professor e a 'interdependência' entre os colegas, esperada nas interações em fóruns (Ingram & Hathorn, 2004).

Nas discussões apresentadas nesse mesmo fórum, a professora assume outras vezes o papel de 'apresentar perguntas', bem como os alunos o de 'responder' a

essas perguntas, a despeito do estabelecimento de um diálogo entre todos os participantes. É o que podemos observar no exemplo 2 (Figura 2), em que a professora inicia um tópico com uma sequência de perguntas e, na sequência, os alunos interagem exclusivamente com ela:

por professora - sexta, 16 setembro 2011, 13:42

Turma, lendo os textos que sugeri para o fórum fiquei me perguntando o que vocês pensam sobre algumas questões. Por exemplo: Vocês acham que é importante ensinar gramática nas aulas de Língua Portuguesa? Por quê? Como? Gostaria de saber as opiniões de vocês a respeito dessas questões...

Re: por Catarina⁴ - sábado, 17 setembro 2011, 11:50

Sim, a gramática é fundamental em todas as disciplinas e em todos os níveis da formação, embora o ensino da gramática não garanta que o aluno vai saber ler, escrever e falar perfeitamente. [...]

Re: por Camila - segunda, 3 outubro 2011, 22:56

Sim, é importante ensinar gramática normativa, mas pelos textos que eu li da Silva, Barbosa e Mendonça acredito que análise linguística seja uma forma de reflexão para ensinar nas salas de aulas. [...]

Re: por Geórgia - segunda, 19 setembro 2011, 18:50

Professora, eu acredito que o ensino da gramática na escola é importante sim, porém, minha crítica vai ao método utilizado pelos professores. [...]

Re: por Brenda - quinta, 22 setembro 2011, 21:21

Professora... Acho que o ensino da gramática é de fundamental necessidade para que um falante conheça as regras e normas da língua da qual está se utilizando. Mas penso também, que o modo como o ensino da gramática está sendo aplicado nas escolas principalmente públicas (como foi o meu caso) é em parte um desperdício de [...].

Figura 2. Parte da discussão no hiperlink *É preciso ensinar gramática nas aulas de Língua Portuguesa do ensino básico?*

Fonte: Biondo (2015, p. 91).

Nesse exemplo, as respostas de Catarina, Camila, Geórgia e Brenda são representativas das dos 17 alunos que interagiram apenas com a professora nesse hiperlink, não dialogando com os demais colegas na construção de conhecimentos. Nesse caso, são mantidos os papéis sociointeracionais já bem definidos em situação escolar: à professora cabe 'perguntar'; aos alunos, 'recitar o que aprenderam' com a leitura dos textos indicados, para obter nota. Pela maneira como a professora finaliza sua postagem, de modo a tentar posicionar os alunos como seus interlocutores ('Gostaria de saber as opiniões de vocês a respeito dessas questões'), pode-se inferir uma tentativa de 'estabelecer interdependência' entre os participantes, 'incitando a discussão'; mas, como ilustram as respostas das alunas, a discussão não se desenvolve para além do diálogo entre a professora e um aluno de cada vez.

As interações do tipo pergunta-resposta não favorecem a construção colaborativa de conhecimentos e remetem ao modelo escolar de avaliação individual, modelo esse também evidenciado no modo como as questões são apresentadas pela professora no exemplo 2, permitindo respostas simples, do tipo sim/não. Como lembraram Mantovani et al. (2010), para que

⁴Os nomes de todos os participantes da pesquisa foram substituídos, para preservar suas identidades. As transcrições foram feitas exatamente como aparecem no ambiente Moodle, sem correções.

seja explorado o potencial interacional de um fórum *online*, é importante que a questão proposta ofereça aos alunos oportunidade de discutir, de argumentar, de trocar opiniões etc. Sem que haja mudança nas práticas de ensino e aprendizagem, portanto, não há garantia de que as *affordances* das tecnologias sejam exploradas.

Pequenos movimentos de desestabilização de papéis podem ser vistos nos fóruns, no entanto, mesmo quando em interações do tipo pergunta-resposta, e mesmo quando se tratando dos fóruns avaliativos. O exemplo 3 (Figura 3) ilustra isso, na relação de ‘interdependência’ estabelecida entre André e Vergínia, por meio de concordâncias, complementações e apreciações, de modo ‘independente’ da professora:

por André - segunda, 3 outubro 2011, 20:55
Eu, como estudante de Letras, me surpreendi ao ser apresentado à análise linguística. [...] Como foi grande a minha surpresa no dia em que me vi diante dos estudos linguísticos e conheci a análise descritiva da língua, aquela que não dita regras, nem discrimina. "Então nós podemos falar 'errado'?", eu pensei, e após alguns meses até me senti envergonhado por muitas vezes fazer uso de meu conhecimento gramatical como uma arma de discriminação. A partir desse período, comecei então a me adaptar a uma nova maneira de estudar a língua, e por consequência, passei a considerar a gramática algo impróprio, como uma coisa que mais atrapalhava do que ajudava e que deveria ser abolida. Contudo, nos últimos dias, preocupado em responder neste fórum com algum conteúdo interessante, comecei a avaliar o estudo gramatical e suas possibilidades. É um poder da gramática fazer estudantes criarem redações que os possibilitem ingressar numa boa faculdade, eu sou um exemplo disso. [...] Mas aqui aparece uma contradição, como ensinar uma criança que determinada maneira de se expressar é aceitável e ao mesmo tempo impedi-la de usar essa mesma maneira em determinada situação? Uma resposta para essa pergunta certamente vem sendo buscada há muito por professores de português recém-formados, que com uma mente fresca de ideias, carecem de experiência numa abordagem mais prática. [...]

Re: por Vergínia - segunda, 28 novembro 2011, 21:56
Parabéns André, gostei muito do teu posicionamento nos estudos linguísticos e do teu ponto de vista em relação à gramática, me fez lembrar da sua importância, que por mim há muito havia sido esquecida. [...] Concordo com o que disste acerca dos professores, pois até mesmo eu, tive a oportunidade de assistir professores iniciantes, cheios gás, força de vontade e novas idéias sendo barrados pelo conselho [...]. É como comentei anteriormente, o ideal de ensino seria aquele que conciliasse o ensino da gramática com o estudo da análise linguística permitindo que os alunos não só se aventurassem no universo da língua como agente, mas que descobrissem por si próprios o sentido de todas aquelas regras. Assim como em física, em que não só aprendem a fórmula, mas também aprendem como utilizá-la, o processo da sua formação e como ela se dá. Como tu falaste, genuinamente é complicado mudar esse quadro, novas ideias referentes à educação por melhores que sejam não são aceitas tão facilmente, ainda menos em nosso país.

Figura 3. Parte da discussão no hiperlink *A necessidade do ensino gramatical*.

Fonte: Biondo (2015, p. 93/94).

Nesse exemplo, é Vergínia, uma aluna, que assume o papel de ‘encorajar os participantes’ (‘Parabéns’, ‘gostei’), de ‘explicitar relações entre as mensagens’ (‘É como comentei anteriormente’) e de ‘apresentar explicações’, utilizando, inclusive, analogias (‘Assim como em física, em que não só aprendem a fórmula, mas também aprendem como utilizá-la, o processo da sua formação e como ela se dá’). Nas aulas presenciais, Vergínia era muito quieta, enquanto no fórum acaba

por dividir com a professora o papel de ‘mediadora’ – o que indica o potencial do fórum na desestabilização dos papéis assumidos pela aluna.

Além disso, embora seja Vergínia a assumir o papel de ‘mediadora’ na interação, a postagem aparentemente desprezível de André, que apenas apresenta suas considerações sobre o tema, acaba levando a colega a reestruturar sua compreensão, alinhando elementos que antes ela tinha como excludentes (‘[...] teu ponto de vista em relação à gramática, me fez lembrar da sua importância, que por mim há muito havia sido esquecida’; ‘o ideal de ensino seria aquele que conciliasse o ensino da gramática com o estudo da análise linguística’). Isso pode ter sido favorecido pela propriedade assíncrona do fórum, visto que a mensagem de André esteve disponível no espaço compartilhado por quase dois meses até que Vergínia a comentasse (3 de outubro a 28 de novembro 2011).

As desestabilizações de papéis típicos de professor e aluno se fazem mais evidentes nos fóruns livres da pesquisa, nos quais muitos alunos interagem trocando diversas informações e construindo conhecimentos sobre assuntos variados. O modo como a professora inicia a atividade no fórum livre de 2012 já ilustra esse movimento, conforme mostra o exemplo 4 (Figura 4).

Bem-vindo ao fórum livre da nossa disciplina!
Aqui, você pode ficar à vontade para iniciar discussões sobre quaisquer assuntos relacionados à disciplina Língua Portuguesa II, bem como para participar dos debates iniciados pelos seus colegas. Aproveite esse espaço para tirar suas dúvidas, ajudar a sanar dúvidas dos colegas, apresentar sugestões complementares de leituras, ampliar e problematizar as discussões realizadas em nossas aulas presenciais.
Para essas e outras possibilidades, este fórum permanecerá aberto durante todo o semestre, de modo que você poderá participar dele quando e quantas vezes quiser.
Bons debates para nós!

Figura 4. Atividade de aprendizagem do fórum livre de 2012.

Fonte: Biondo (2015, p. 148/149).

Por meio de uma postura menos centralizadora, ela mantém a temática mais aberta, não define leituras nem elabora perguntas, ao mesmo tempo em que ‘encoraja a participação dos alunos no fórum’ (‘Aqui, você pode ficar à vontade para iniciar discussões sobre quaisquer assuntos [...], bem como para participar dos debates [...]’, ‘Aproveite esse espaço para tirar suas dúvidas, ajudar a sanar dúvidas [...]’, ‘você poderá participar dele quando e quantas vezes quiser’, ‘Bons debates para nós!’ e ‘incentiva a interdependência’ (‘participar dos debates iniciados pelos seus colegas’, ‘ajudar a sanar dúvidas dos colegas’, ‘participar’, ‘tirar dúvidas’, ‘ampliar’, ‘problematizar’, ‘ajudar’, ‘iniciar discussões’).

As desestabilizações se dão mais efetivamente nas interações nesses fóruns, por meio de diversas marcações explícitas e da preocupação com o

estabelecimento da ‘interdependência’ entre colegas, bem do envolvimento de vários participantes nas discussões. É o que ilustra o exemplo a seguir (Figura 5), no qual duas alunas, Talita e Camila, constroem conhecimentos de modo interdependente e independente da professora do curso:

por Talita - domingo, 27 novembro 2011, 18:54

No capítulo X do livro "Princípios de Linguística Geral" de Camara Jr., mais precisamente no tópico 81 intitulado "Os instrumentos gramaticais", o autor discorre sobre os princípios de Joseph Vendryes. O linguista, segundo Camara Jr., preferiu "encaixar" os pronomes em um grupo mais amplo que ele denominou de Instrumentos Gramaticais. Ao final do tópico, Camara Jr. conclui que existem 3 classes essenciais de vocábulos que são os nomes, os verbos e os pronomes. O último grupo, diz ele, "ora se apresenta sob aspecto de partículas clíticas (ou dependentes), ora se aproxima dos nomes". Meu questionamento é: quando os pronomes se aproximam dos nomes?

Re: por Camila - domingo, 27 novembro 2011, 20:58

Talita, pegando como base o texto do professor Romualdo de pronomes, a professora citou que o Dêixis diferencia pronomes de nomes. O pronome destaca, por exemplo: ela foi à praia. Ela está destacada foi à praia, mas quem foi à praia? ela foi. No Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa de Câmara Junior (2002: 90), por exemplo, temos que Dêixis-faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar. [...] O pronome é justamente o vocabulário que se refere aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização como os nomes. Essa dêixis se baseia no esquema linguístico das três pessoas gramaticais que norteia o discurso: a que fala, a que ouve e todos os mais situados fora do eixo falante-ouvinte".

Re: por Talita - segunda, 28 novembro 2011, 14:49

Obrigada pela explicação Camila! Realmente, passei os olhos nesse tópico e nem li com precisão. No entanto, acho que são visões distintas que alguns linguistas possuem acerca do assunto, pois Câmara Jr. discorre em seu livro "Princípios de Linguística Geral" (p. 155 - 158), mais precisamente nos últimos parágrafos do tópico 81, que os pronomes pessoais não são nomes, mas sim partículas clíticas (ou formas dependentes).

Re: por Camila - segunda, 28 novembro 2011, 22:02

Tatá, estava lendo novamente os textos, e olha que eu achei Estrutura da Língua Portuguesa, Mattoso (p. 78), "por outro lado, a oposição de forma separa nitidamente, em português (como já sucedia em latim), o nome e o verbo. Aquele se pode objetivar por meio da partícula, ou forma dependente, que é o <<artigo>>, e é passível de um plural em /S/ (além da distinção de gênero)". E agora! Artigo???

Re: por Talita - segunda, 28 novembro 2011, 22:12

Camilinha, nós estávamos, primeiramente, abordando a distinção entre pronomes e nomes, e não entre verbo e nome ... mas, levando em conta o que você propôs acima, uma maneira de distinguir verbo de nome é por meio de uma partícula (clítica, talvez), ou mesmo forma dependente, que é o artigo (por exemplo: o navio, a carroça, um caminhão), enquanto que com os verbos conjugados isso não ocorre. Acho que é isso ... confere?

Re: por Camila - segunda, 28 novembro 2011, 22:20

Confere!! é que fiquei na dúvida quando eu li verbo, nome e artigo, ficou claro agora com sua explicação. Obrigada :D

Re: por Tatiana - segunda, 28 novembro 2011, 23:40

Meninas gostaria de contribuir com com a distinção entre nomes e verbos que vocês levantaram. De acordo com Camara Jr. em seu texto "Estrutura da Língua Portuguesa" o critério composto mórfico-semântico [...] Desse modo, tanto o critério morfológico (flexão e presença ou não de artigo em sua objetivação) quanto o critério semântico (representar seres ou procedimentos), mostram-se muito pertinentes para realização de uma distinção e classificação dos nomes e verbos muito mais completa.

Figura 5. Parte da discussão no hiperlink *Os pronomes e os instrumentos gramaticais de Vendryes*.

Fonte: Biondo (2015, p. 124/125).

Nesse exemplo, Talita já inicia a discussão assumindo o papel de ‘problematizar uma questão’, por meio de uma pergunta (‘quando os pronomes se aproximam dos nomes?’), e quem assume o papel de

‘sanar a dúvida’ é outra aluna, Camila, que ‘explicita relações entre a questão colocada e momentos de sala de aula’ (‘pegando com base o texto do professor Romualdo de pronomes, a professora citou que o Dêixis [...]’) e ‘ensina/explica diretamente’, utilizando exemplos (‘O pronome destaca, por exemplo: ela foi à praia. Ela está destacada foi à praia, mas quem foi à praia? ela foi’). Talita agradece (‘Obrigada pela explicação Camila!’) e ‘marca novos pontos críticos’ da questão (‘No entanto, acho que são visões distintas que alguns linguistas possuem acerca do assunto, pois [...]’), retomando textos teóricos da disciplina (‘Câmara Jr. discorre em seu livro *Princípios de Linguística Geral* (p. 155-158)’), e fazendo com que Camila volte a interagir, também retomando teóricos do curso (‘*Estrutura da Língua Portuguesa*, Mattoso (p. 78)’ e ‘marcando outros pontos críticos’ (‘E agora! Artigo???’).

Como Camila se desvia da questão inicial, é Talita quem assume o papel de ‘manter a direção da discussão’ (‘nós estávamos, primeiramente, abordando a distinção entre pronomes e nomes, e não entre verbo e nome’), um papel tradicionalmente assumido pelo/a professor/a em sala de aula, de modo a evitar a dispersão. Nesse processo, Talita ‘interage em tom positivo’ e ‘ensina/explica’, usando novos exemplos (o navio, a carroça, um caminhão) e Camila agradece (‘Confere!!’, ‘ficou claro agora com sua explicação. Obrigada : D’). Por fim, outra aluna, Tatiana, também assume o lugar de mediadora do processo de aprendizagem, ‘retomando a questão’ colocada na segunda postagem de Camila e ‘redirecionando a discussão’ em função de novos objetivos (‘Meninas gostaria de contribuir com a distinção entre nomes e verbos que vocês levantaram’). Ambas, portanto, desestabilizam expectativas a propósito de quem tem o poder/dever de ensinar, explicar, dar exemplos, levantar questões, tirar dúvidas, entre outros papéis, em situações educacionais.

Movimentos como esse, nos quais são os/as alunos/as que assumem papéis tacitamente atribuídos ao/a professor/a, ocorrem nos fóruns livres mesmo em momentos nos quais a professora também participa das interações. No exemplo a seguir (Figura 6), Glaucia, a professora, Suzi, Camila e Maraisa interagem construindo conhecimentos de modo ‘interdependente’, desestabilizando papéis sociointeracionais tacitamente definidos em sala de aula.

Nesse espaço-tempo do fórum, conhecimentos teóricos e de mundo são apresentados, comentados, questionados, retomados e complementados em uma perspectiva de ‘recompartilhamento’, na qual tanto a professora quanto os alunos têm papel fundamental. A esse respeito, é notório o modo como as alunas se posicionam na discussão, assumindo, juntamente com a professora, vários papéis típicos do professor: a) o de ‘apresentar sugestões de atividades de ensino’, por Glaucia, Suzi e Camila; b) o de ‘apresentar sugestões de

materiais para leitura', por Glaucia; c) o de 'instigar a reflexão por meio de perguntas', também por Glaucia; d) o de 'interagir em tom positivo e o de encorajar a participação', pela professora, por Suzi e por Maraisa; e) o de 'recrutar a participação, o de resumir pontos da discussão', o de 'explicitar relações entre mensagens' e o 'direcionar a atenção', pela professora; f) o de 'sugerir e compartilhar materiais', por Camila e por Maraisa.

por Glaucia - quinta, 24 novembro 2011, 23:58

Na minha Regência de Português II desenvolvi uma atividade muito interessante. Mas o melhor de tudo foi ver os alunos ficarem quietos para ouvir algo diferente e muito melhor foi ver os olhos deles brilharem enquanto ouvia a explicação da aula. A aula começou com uma discussão a respeito de cartazes: as frases usadas, desenhos, cores, etc. Teve gramática mas dentro desse corpo de explicação, teve produção textual de modelos de anúncios, com frases. Para saber entender o porque do uso de um determinado termo, palavra, vocábulo o aluno tem que conhecer e saber usa-lo. Quando o aluno olhar um anúncio ele saberá que ali tem uma interjeição e está ali com determinada função, para causar determinado sentido. Temos no nosso dia a dia tantos cartazes. Vc já pensou nos tipos de frases que estão ali? Frases coordenadas, subordinadas, reduzidas, como são caracterizadas? Que tipo de classe de palavras é usada e por quê? Na minha opinião essa é a diferença: o uso. É preciso conhecer ou reconhecer, saber e aprender a usar as classes de palavras. E mais uma vez eu cito Antunes: "Muito além da Gramática". Ressignificando a Gramática.

Re: por Professora - sexta, 25 novembro 2011, 21:26

É isso mesmo, Glaucia! Muito legal sua percepção de "aproveitar" os textos com os quais os alunos estão envolvidos no seu dia-a-dia e pensar no uso da língua a partir desses textos, como os cartazes que você cita. Essa sua discussão relaciona-se com a da Suzi e da Brenda, no tópico que elas falam sobre a interjeição. Pessoal, excelente a sugestão da Glaucia! Vale muito a pena ler esse livro da Irlandé Antunes! Aproveitem a dica!!!

Re: por Suzi - domingo, 27 novembro 2011, 12:15

Gostei muito do depoimento da Glaucia, também acredito que é assim que mostramos para nossos alunos que o português não é "decoreba" e que podemos sim interagir com os textos e com a vida deles. Lendo isso lembrei-me de um trabalho que minha professora da sexta série passou para os alunos da oitava série na escolas onde estudava. Ela pediu que eles procurassem pelas ruas cartazes escritos de forma errada e fotografassem para depois colocarem essas fotos em cartazes, e explicar porque estavam errados. Esse trabalho fez com que os alunos percebessem a importância da ortografia, foi muito interessante vê-los animados e atentos com os erros do português, pois os cartazes, corrigindo pelos alunos, ficavam no pátio e eles explicam para todos que passavam o objetivo de seu trabalho. [...]

Re: por Camila - domingo, 27 novembro 2011, 13:02

Suzi, eu já vi um trabalho assim, infelizmente não foi no meu ensino fundamental e nem médio, foi na faculdade onde eu estudava, os alunos de publicidade e propaganda fizeram o trabalho, o objetivo era expor como o anúncio pode atrapalhar as suas vendas, saíram nas ruas e fotografavam os erros nos cartazes, anúncios. [...] Eles colocavam os anúncios e abaixo tinha correção. Lembro-me de um anúncio: "manicuri e pé-de-curi maes uma idratassão no cabelo", quando eu li dei risada e disse não acredito que escreveram. Mas, dá para entender que estar falando da manicure, pedicure e hidratação do cabelo. O Maycon, responsável pelo banner disse que realmente achou e nem ele acreditava, quando ele foi falar com professora o levantamento feito por raça, idade, região onde morava, nível social. [...] Realmente levamos essas ideias para dentro da sala de aula seria muito interessante do que "receita de bolo" que temos, como Sara citou famoso "decoreba". Encontrei um anúncio na net vou tentar postar (eu não tenho fonte, peguei faz um tempo nos compartilhamentos do facebook). Enfim, é bom recompartilhar.

Re: por Maraisa - segunda, 28 novembro 2011, 15:29

Camilinha, adorei seu post, muito interessante saber que os erros gramaticais se dão por conta também da classe social, do ambiente em que vive, da moradia, enfim esse nosso Brasil é enorme e temos variedades infinitas de como o português é falado e escrito. Aproveitando seu cartaz, achei muito interessante um pela internet:

A interação se estabelece, ainda, de modo a revelar referências de interações em ambientes da Internet, o que se infere não apenas pelo modo interdependente como os participantes constroem conhecimentos, mas também pelo uso de linguagem informal e pela expressão da ideia do (re)compartilhamento ('é bom recompartilhar'; 'achei muito interessante um pela internet:'). De fato, em questionário sobre o perfil e relacionamento com a Internet respondido pelos participantes da pesquisa, muitos afirmaram gostar muito, usar sempre e ter muito domínio da Internet (47%), participando de fóruns de discussões *online* (41%), na maioria das vezes fazendo postagens (71%). As práticas de interação analisadas, portanto, remetem-nos tanto às práticas interacionais tradicionalmente estabelecidas em sala de aula quanto às práticas de letramento que emergem de interações na hipermídia.

Considerações finais

Com o propósito de investigar os papéis sociointeracionais de professor e de aluno exercidos pelos envolvidos na 'prática colaborativa de construção de conhecimentos sobre Morfologia da Língua Portuguesa' (Biondo, 2015) que configura os fóruns dessa pesquisa, o trabalho discutiu a hipótese de desestabilização das fronteiras que distinguem papéis tradicionalmente atribuídos a professora e a aluno em situações educacionais, com foco na mediação da Internet, particularmente do fórum *online*, nesse processo.

Os exemplos apresentados evidenciam a manutenção da estrutura interativa IRA (iniciação pelo professor – resposta de aluno – avaliação pelo professor) nas ações da professora e nas dos alunos nos quatro fóruns *online*, em diversos momentos. A IRA se faz fortemente presente na forma como a professora estrutura atividades, no modo como organiza as discussões, no formato das questões que apresenta para discussão, bem como na reação dos alunos às perguntas da professora e às interações nos fóruns. Mas, ao mesmo tempo, em muitos momentos, nos fóruns, tanto a professora quanto os alunos desestabilizam essa estrutura, assumindo papéis menos previsíveis.

É o que ocorre, por exemplo, quando a professora promove a 'interdependência' e a 'independência' dos alunos em relação à sua figura, incentivando a busca de informações, a troca de ideias entre os alunos, inserindo-se no processo de interdependência na construção de conhecimentos etc. Ainda mais significativos são os movimentos de agência dos alunos no sentido de responsabilizar-se pela sua própria aprendizagem e pela dos demais

Figura 6. Parte da discussão no hiperlink *O uso das classes de palavras*.

Fonte: Biondo (2015, p. 126/127).

colegas, compartilhando informações, apresentando questionamentos, estabelecendo relações entre postagens e entre postagens e sala de aula, explicando, encorajando a participação, buscando sanar dúvidas dos demais, dando exemplos etc. Esses movimentos configuram papéis outros tanto para a professora (menos protagonista e controladora do conhecimento e mais mediadora do processo) quanto para os alunos (mais ativos e dispostos ao compartilhamento, menos passivos em sua própria aprendizagem).

De fato, a professora e os alunos movimentam mudanças de papéis nos fóruns *online*, desequilibrando a estrutura posta (IRA) e permitindo vislumbrar as *affordances* dessa tecnologia digital para a aprendizagem de conhecimentos teóricos – nesse caso, sobre Língua Portuguesa. Verifica-se, portanto, um deslocamento de poderes em processo nos espaços-tempos dos fóruns *online* desse estudo, sobretudo nos fóruns não avaliativos, possivelmente por estes permitirem a quebra com o último elemento da estrutura triádica mencionada. Esse deslocamento, porém, convive com a resistência pela manutenção desses poderes, com a dificuldade de agência dos sujeitos em situação aparentemente desfavorável à ressignificação de práticas sociais, dada a natureza tradicionalmente presencial e disciplinar do curso e as práticas da professora e dos alunos, há anos envolvidos em situações educacionais presenciais.

Referências

- Biondo, F. P. (2015). *O fórum online como prática colaborativa de construção de conhecimentos sobre morfologia da língua* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Brasil. Ministério da Educação. (2004). Portaria n. 4059, de 10 de dezembro de 2004. Resolve que as instituições de ensino superior poderão introduzir a oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem modalidade semi-presencial. *Diário Oficial da União*, Brasília, 13 de dezembro de 2004, Seção 1, p. 34.
- Cassany, D. (2012). *En línea. Leer y escribir en la red*. São Paulo, SP: Anagrama.
- Cazden, C. B., & Beck, S. W. (2003). Classroom discourse. In A. C. Graesser, M. A. Gernsbacher, & S. R. Goldman (Eds.), *Handbook of discourse processes* (p. 165-197). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cunha, A. L. A. (2012). *Ações mediadoras de alunos no fórum de um curso semipresencial de especialização* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Erickson, F. (1988). *Qualitative methods in research on teaching*. New York, NY: Institute for Research on Teaching.
- Harasim, L. (2012). *Learning theory and online technologies*. New York, NY: Routledge.
- Ingram, A., & Hathorn, L. G. (2004). Methods for analyzing collaboration in online. In T. Roberts (Org.), *Online collaborative learning: theory and practice* (p. 215-241). London, UK: Information Science Publishing.
- Kress, G. R., & Van Leeuwen, T. (1996). *Reading images: the grammar of visual design*. New York, NY: Psychology Press.
- Kress, G. (2010). *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. New York, NY: Routledge.
- Mantovani, D. M. N., Viana, A. B. N., & Gouvêa, M. A. (2010). Ferramenta fórum para discussão teórica em Estatística aplicada à Administração. *Pro-posições*, 21(2), 185-206.
- Montero, B., Watts, F., & Garcia-Carbonell, A. (2007). Discussion forum interactions: text and context. *System*, 35(4), 566-582.
- Moran, J. M. (2000). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus.
- Oliveira, S. C., & Lucena Filho, G. J. (2006). Animação de fóruns virtuais de discussão – novo caminho para a aprendizagem em EAD via web. *RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação*, 4(2), 1-11.
- Paiva, V., & Rodrigues Júnior, A. S. (2004). Fóruns online: intertextualidade e footing na construção do conhecimento. In I. L. Machado, & R. Mello (Org.), *Gêneros: reflexões em análise do discurso* (p. 171-189). Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras da UFMG.
- Sánchez, L. P. (2005). El foro virtual como espacio educativo: propuestas didácticas para su uso. *Verista Quaderns Digitals Net*, 40(1), 1-18. Recuperado de http://www.quadernsdigitals.net/datos_web/hemerotec/a/r_1/nr_662/a_8878/8878.html.
- Signorini, I. (1998). Do residual ao múltiplo e complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In I. Signorini, & M. Cavalcanti. (Org.), *Linguística aplicada e transdisciplinaridade* (p. 89-98). Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Vigotski, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2008). *Pensamento e linguagem*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Received on October 7, 2016.

Accepted on May 9, 2017.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.